

Daniel Delouya
Miriam Chnaiderman

Psicanálise: sexualidade infantil

O que seria da Psicanálise sem as teses freudianas a respeito da sexualidade infantil? De que inconsciente se trataria, então? Nenhum psicanalista se disporia sequer levar a sério perguntas tão descabidas. Entretanto, sabemos da presença de controvérsias no universo das teorias psicanalíticas sobre o que seja e qual seja o lugar da sexualidade infantil na condução das análises. Um livro merece ser especialmente lembrado nesse contexto: *Lês Chaînes d'Eros – actualité du sexual (André Green, 1997)*. O que levou Green a afirmar veementemente a sexualidade infantil – ou seja, a vida erótica presente desde o nascimento – nas bases da conduta analítica parece ser uma preocupação com os destinos das pulsões nas diversas teorizações contemporâneas. O debate, cujo foco é a sexualidade infantil, é um debate sobre os destinos da psicanálise entendida desde o interior de seus próprios fundamentos. Por levarmos em conta a importância desse aspecto no processo de formação de analistas e na condução de todas as análises, decidimos propor a dois colegas que colaborassem, nesta edição de **Percursos**, atendendo à nossa seguinte formulação:

“Completado mais de um século da publicação de *Três Ensaios de Teoria Sexual*, que sabemos compar-

tilhar importância com *A Interpretação dos Sonhos*, gostaríamos do seu comentário sobre a relevância e a pertinência atuais desse texto freudiano para as elaborações psicanalíticas contemporâneas.”

O leitor, agora, contará, em suas próprias ponderações, com as palavras que se seguem para indagar a Psicanálise sobre ela própria.

Daniel Delouya: Tantas comemorações! Completamos 100 anos dos *Três ensaios ...* (e, também, dos menos visitados *Chistes...*) e quase 150 anos do nas-

Daniel Delouya é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto *Sedes Sapientiae* e da Sociedade Brasileira de Psicanálise. Professor no programa de pós-graduação em psicologia na Universidade São Marcos em São Paulo. Autor de *Torções na razão freudiana. Especificidades e afinidades*, Unimarco, São Paulo, 2005, entre outros livros e artigos em revistas especializadas.

Miriam Chnaiderman é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto *Sedes Sapientiae*, doutora em Artes, ensaísta, tendo publicado os livros *O hiato convexo: literatura e psicanálise* (Brasiliense, 1989), *Ensaios de Psicanálise e Semiótica* (Escuta, 1989) e vários textos em coletâneas e revistas. Documentarista, dirigiu os curtas *Dizem que sou louco* (1994), *Artesãos da Morte* (2001), *Gilete Azul* (2003), *Isso, aquilo e aquilo outro* (2004), *Você faz a diferença* (2005) e *Passaios no Recanto Silvestre* (2006).

cimento do Freud, e a pergunta “são ainda relevantes, pertinentes?” insiste em bater nas nossas portas. Homenagem, valorização do passado? Não necessariamente! É a celebração modernista do contemporâneo pelos invejáveis vizinhos que nos incita, nos apressa às reformas. Os achados da geologia e os objetos da arqueologia perderam, vertiginosamente, o seu poder de atração. Alarmado, Freud advertiu os analistas sobre a tendência de desviar o foco do trabalho do sonho cuja descoberta exige, como na arqueologia, a paciência em cavar, observar, interpretar. Na falta dessa empreitada, confunde-se a matéria e a inteligibilidade inconscientes com as revisões secundárias que elas sofrem.

Entretanto, aderir a sua recomendação não é questão de boa vontade. Existem forças poderosas que nos atropelam continuamente. Freud abre o segundo ensaio com a observação sobre a negação da sexualidade infantil pela grande maioria daqueles que se dedicam à investigação da infância. Tudo que Freud credits à sexualidade infantil é atribuído por eles à herança genética. “Nada de inesperado”, observa ele com candura, e nos explica: “eles sofrem, como todos nós, da amnésia infantil”. Seu repúdio e sua enérgica contestação são, continua ele, remanescentes das barreiras de nojo, da vergonha e dos padrões morais erigidas na fase da latência contra a sexualidade infantil em prol da formação dos “sentimentos sociais”... O culto e a submissão massivos à crença nos genes, à globalização, à padronização e, sobretudo, à pureza – no que diz respeito ao corpo assim como no que tange os ideais –, estão, como nos mostram os críticos atuais, entre as feições mais nocivas do nosso tempo. Encontramo-nos, pois, no pólo extremo de uma e mesma linha reta dos contemporâneos de Freud.

Freud previu, a partir dos anos vinte do século passado, esses aspectos do mal-estar na cultura.

Mal-estar oriundo das conseqüências das exigências sublimatórias impostas pela cultura sobre o nosso arranjo pulsional. A observação deste desgaste destrutivo e contínuo, sofrido pelo infantil, pelo psíquico e a memória que o constitui, revela, certamente, um fator limite não contemplado pelos *Três ensaios*... Entretanto, as três cenas que compõem a peça dessa obra são a condição da apreensão da natureza do universo psíquico, seus alicer-

“

Não surpreende que a atenção à contemporaneidade tenha gerado uma série de considerações relativas à referida terceira cena.

”

ces e portanto, também, da ameaça constante que paira sua preservação na vida em cultura.

A primeira cena se volta para o caráter perverso do sexual, da pulsão sexual. A segunda descreve a parcial “educação” dessa pulsão, quando o bebê se apropria (*auto*) dela em meio aos cuidados e incitação sexual do adulto, precipitando-se nele, *em negativo*, os seus futuros alicerces e referências internas. Freud discorre sobre o roteiro e a organização dessas referências sob a égide do complexo do Édipo e da castração. Na terceira, a entrada em latência que prepara a saída, na puberdade e adolescência,

em direção aos “objetos externos” – em função da nova onda sexual –, confere um desfecho à constituição do sujeito e seu devir em meio aos outros.

Não surpreende que a atenção à contemporaneidade tenha gerado uma série de considerações relativas à referida terceira cena. A proliferação de estudos sobre a adolescência é impressionante. Entretanto, muitos deles carregam o sintoma contemporâneo da negação e ignorância da sexualidade infantil de origem, preferindo a inteligibilidade do discurso moderno voltado ao social.

O texto de 1905 não é de fácil leitura. Há quem o considere atípico à escrita literária de Freud, pela escansão cênica, de uma apresentação quase sistemática de um “*scholar*”, “estudioso” da sexualidade. Outros, leitores de Freud em alemão, nos alertam sobre os percalços das traduções que acabam suprimindo a linguagem erótica do texto – um exemplo disso é o chupar do dedo que recalca as descrições sensuais contidas nas palavras originais de Freud. Seja como for, não vejo nenhuma parte “superada” ou irrelevante, mas, ao contrário, todo o roteiro é imprescindível ao nosso ofício e, sobretudo, para o entendimento do que destacamos como contemporâneo.

Mirian Chnaiderman: No prólogo à terceira edição de *Os três ensaios de teoria sexual* 1914 Freud problematiza a relação entre a ontogênese e a filogênese e reafirma como traço fundamental desse trabalho “sua deliberada independência em relação à pesquisa biológica”. Afirma: “Evitei cuidadosamente introduzir expectativas científicas provenientes da biologia sexual geral, ou da biologia das diversas espécies animais...” Nada mais atual, em um momento onde assistimos à expansão da “neuropsicanálise”, onde proliferam críticas à prática psicanalítica, afirmando a pesqui-

sa bioquímica como única saída possível para o trabalho com os estados da alma. Os *Três ensaios...* são uma afirmação da independência epistemológica da Psicanálise em relação aos moldes científicos daquele momento. Mas não só daquele momento. Hoje todas essas questões são mais do que nunca relevantes. Chama atenção a observação que Freud faz no prólogo à quarta edição (1920): “Mas, a parte que se relaciona com a biologia, cujas bases se oferecem nesse pequeno escrito, segue despertando uma discordância que não acabou, e ainda pessoas que durante um tempo se ocuparam intensamente da Psicanálise viram-se movidas a abandoná-la para abraçar novas concepções, destinadas a restringir novamente o papel do fator sexual na vida anímica normal de patológica”. Claro que Freud está aqui polemizando com Jung e outros tantos, que restringiram o alcance do sexual na compreensão do humano. Mas, não penso que hoje seja muito diferente. Aliás Luis Augusto Celes, em artigo que embasou sua fala no IV Encontro Latino Americano dos Estados Gerais¹, mostrou como a Psicanálise hoje vai se distanciando do sexual. Afirma Celes: “Absorveram-se as diversas e sofridas vicissitudes psíquicas às questões da boa adaptação do ‘ambiente’, diante do que se entende o inconsciente como resto não adaptado... Com isso, o inconsciente-resto descaracteriza-se de sua natureza sexual, ou, pelo menos, descaracteriza-se como efeito da sexualidade em conflito”. Celes mostra como nas teorizações contemporâneas a pulsão, o Édipo, a castração são retomados secundariamente como funções egóicas em meio a outras, ou funções do *self*.

Esquece-se o que Freud mesmo acentuou em relação aos *Três ensaios...*, naquilo que teria de mais inovador, qual seja, o peso que dá à vida sexual em relação a todas as

atividades humanas e a tentativa de ampliar e redefinir a sexualidade. Constitui-se, então, o pilar da teoria psicanalítica, algo que já vinha sendo gestado mas que aí ganha consistência teórica.

A radicalidade da teorização freudiana já se coloca no primeiro capítulo ao dedicar-se ao estudo das perversões, em uma proposta de ruptura entre pulsão e objeto. Citando Masotta: “A pulsão (alemão: *Trieb*) tem para Freud como característica

“

A diferença
entre instinto
e pulsão é uma
invenção
de psicanalistas
contemporâneos,
que nada tem a ver
com Freud e seus
contemporâneos.

”

fundamental a instabilidade do que a liga ao objeto (...), não há uma relação de determinação da pulsão do seu objeto. Isto é, a pulsão não tem um objeto determinado”.²

A diferenciação entre pulsão e instinto também é algo polêmico na Psicanálise contemporânea. Afirma Chaim Katz em ensaio que é parte de uma coletânea sobre “As pulsões”: “Não existe o instinto como algo distinto das pulsões. A diferença entre instinto e pulsão é uma invenção de psicanalistas contemporâneos, que nada tem a ver com Freud e seus contemporâneos, para afirmar o primado do Desejo e a submissão das pulsões a este”.³

Não é esta a posição de Laplanche que, baseado nos *Três ensaios...*, toma como fio condutor do ensaio “A ordem vital e a gênese da sexualidade humana”⁴ a distinção entre pulsão e instinto. *Trieb* e *instinct* são dois termos utilizados por Freud: *instinct* seria um comportamento pré-formado, cujo esquema é hereditário. A pulsão seria uma derivação do instinto. É a contingência do objeto que define a pulsão.

Em nota acrescentada em 1910, Freud colocaria como diferença entre vida sexual dos antigos e a de seu tempo o fato de que “o acento fosse colocado na própria pulsão enquanto nós o colocamos no objeto. Eles celebravam a pulsão e estavam dispostos a enobrecer com ela inclusive um objeto inferior, enquanto nós menosprezamos a atividade pulsional e a desculpamos pela excelência do objeto”. É interessante pensar essa observação de Freud sob muitos aspectos: hoje, com o consumismo desenfreado que impera em nosso meio, a questão relativa ao objeto se faz cada vez mais proeminente. A pulsão, de fato, se perde em meio à necessidade de adquirir objetos que passam a valer enquanto emblemas de posições sociais. Tudo isso, porém, teve reflexos na própria história da Psicanálise. Não há como não lembrar Lacan na “Introdução” do Seminário sobre a relação de objeto: “Que a relação de objeto se tenha tornado, ao menos aparentemente, o elemento teórico primeiro na explicação da análise, disso lhes darei testemunho seguido...”⁵

Aliás, a relação de objeto é tema do Encontro de Psicanalistas de Língua Portuguesa, a acontecer em maio próximo em Portugal. Em um dos trabalhos a serem discutidos, Brusset coloca a dicotomia existente entre “modelo da pulsão e relações de objeto”, propondo sua superação por meio de uma metapsicologia do vínculo.⁶ Algo bastante em voga na Psicanálise contemporânea.

Brusset alerta para a simplificação que pode haver quando se coloca a necessidade de uma opção entre o modelo da pulsão e o das relações de objeto: o modelo da pulsão “funda a posição epistemológica específica da Psicanálise como metapsicologia (...) a substituição da noção de relação de objeto à pulsão leva a uma outra, a da inter-relação, mesmo de interação, em lugar do aparelho psíquico. Sobre esse tema, o risco é a extensão dada ao modelo demasiado simples da interiorização e da exteriorização”.

Não me parece que o único risco seja esse apontado por Brusset, que vai procurar fundar uma tópica do vínculo, redefinindo “as pulsões e os pensamentos nas suas relações com as emoções e as experiências primárias”. Não há como não retomar a advertência que Celes faz no ensaio acima citado: “...a

análise tende a ser exercida como uma interpretação do jogo do vínculo entre terapeuta e paciente ...”, o sexual perdendo seu caráter traumático e fundante. Sobre o fato de o tema do 44º. Congresso da IPA ser o trauma, Celes aponta: “Nos novos desenvolvimentos não se torna importante o aspecto da sexualidade no trauma, não se considera relevante sua natureza sexual, mas a concretude traumática que, sendo sexual ou não, colocaria em questão a auto-conservação...”

Retomar os *Três ensaios...* é retomar todas as polêmicas aqui expostas e buscar resgatar o sexual em toda sua amplitude, fundante de qualquer clínica psicanalítica. O mergulho no texto freudiano só pode levar a uma postura crítica em relação aos caminhos e des-caminhos da Psicanálise nos dias de hoje. É necessário relembrar,

com Katz e Celes, que as fantasias se criam pulsionalmente e que é o mesmo movimento que cria o eu e o amor objetal. Tudo isso já está nos *Três ensaios de teoria sexual*, texto a ser sempre retrabalhado em movimento necessário para dar continuidade à invenção freudiana.

NOTAS

- 1 L. A. Celes, “Cem anos dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade – a sexualidade infantil e seus problemas*, no site do IV Encontro Latino Americano dos Estados Gerais, 1905.
- 2 O. Massotta, *O comprovante da falta*, Campinas, Papirus, 1987, p. 21.
- 3 C. S. Katz, “Ferenczi, a 1ª teoria pulsional”, in A. H. de Moura, *As pulsões*, São Paulo, Educ/Escuta, 1995, p.109.
- 4 J. Laplanche, “A ordem vital e a gênese da sexualidade humana”, in *Vida y Muerte em psicoanalisis*, Buenos Aires, Amorrortu, s.d.
- 5 J. Lacan, *O Seminário livro 4 A relação de objeto*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1995, p. 11.
- 6 B. Brusset, “Métapsychologie du lien et ‘troisième topique’?”, *Bulletin de la Société Psychanalytique de Paris, Relations d’objet et modèle de la pulsion*, n.78, nov/déc/2005, p.23-88.